A psicanálise dos escritores

Por **TALES AB´SÁBER***

O escritor, intelectual, é, de fato, um inventor, como mostra a obra de Pedro Nava

A psicanálise formulada por um escritor é sempre mais aberta, e curiosa, do que a enunciada por um psicanalista. De algum modo o escritor contribui com a psicanálise insistindo no seu polo sensível, de espanto ou absurdo, o primeiro momento da liberdade – se levado ao estatuto do pensamento e da discussão – frente o que há de difícil na experiência humana. Se o psicanalista tem sempre em mente o quadro da história da disciplina, sua teoria de origem muito moderna e centro europeia, ou linguística estrutural dos anos 1950, igualmente europeia, e por isso imagina ter tudo a respeito do inconsciente, o escritor, com suas prerrogativas significativas de criação, tem a vida da cultura como horizonte, a própria dúvida sobre a vida mais ampla, maior ou menor, de onde recebe seus influxos e para onde orienta o seu texto. Por isso, ele dá tudo o que tem. A cada invenção precisa construir e reconstruir aquilo que importa. Deste modo, enquanto um é compromisso teórico, o outro é processamento vital.

O psicanalista é, então, talvez, uma modalidade de cientista, ou intelectual, de perspectiva técnica, possuidor de um saber humano forte, mas também algo mesquinho. Por isso, de tempos em tempos, há crise entre suas teorias e o andamento do mundo. Enquanto o escritor, intelectual, é, de fato, um inventor: um pensador por princípio sem mapa à priori, mais aproximado da chave fundamental da produção de toda psicanálise real, por assim dizer, a associação livre. Um especulador, como Freud disse ser ele próprio, com todas as letras, diante de sua ideia de pulsão de morte – uma ideia tão rica na sua construção mediada no texto freudiano quanto arriscada e perigosa por sua carga potencial de imediatez.

Se o psicanalista representa a reflexão bem determinada na esfera interior da disciplina, sempre marcada por suas formações epistemológicas e sua história teórica, o escritor representa a liberdade mediada, que tudo antecedeu na história da psicanálise. O seu amor espontâneo pela vida humana e o saber direto da coisa, que gira por vezes ao redor da ideia do inconsciente freudiano, é que o fazem vislumbrar algo que tem correspondência com a psicanálise. Circundando o inconsciente de modo novo, atravessando-o, tocando-o e evitando-o, ao modo dos psicanalistas, o escritor está nele e está fora dele, escreve por ele e, de muitas formas, o inventa de novo, além dele.

Não acho de pouca importância para a psicanálise que Borges, por exemplo, exercitando aquela arte, percebesse o modo freudiano de entender o sonho como relativamente pobre e constrito. Que aquele homem dedicado às visões da biblioteca universal, do espelho, do labirinto, da trama da memória e de formas concretas do absoluto e de outros mundos existentes, como coisa mental e literária – que nos tenha lembrado em uma noite na vida o tempo dos deuses budistas, o *calpa*, do qual um único dia, que transcende a nossa imaginação, equivale ao tempo que leva para desaparecer uma parede contínua de ferro de dezesseis milhas de altura, por ser tocada por um anjo com uma fina seda de Benares, uma vez a cada seiscentos anos...[i] – que um homem constituído nestas esferas da trama da linguagem e da imaginação como precisão, memória – "esta espécie de quarta dimensão" segundo ele – repertório literário e espanto, e que também se dedicasse, com sua biblioteca encarnada, ao sentido do pesadelo, nos indicasse a significativa redução daquilo que pensamos sobre nossos próprios objetos, é de fato uma grande riqueza, que deveria nos despertar.

Afinal, David Kopenawa, noutra direção, mas na mesma, e noutro mundo radicalmente outro do nosso e de Borges, também concorda com ele, quando observa a pobreza estrutural de nosso sonhar cultural: "vocês, que só sonham com vocês

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

mesmos…". Também não é irrelevante que Thomas Mann, vindo do mundo exigente sobre todos os aspectos de Lessing, Novalis, Schlegel, Schiller, Goethe e até Brecht e Adorno, visse em Freud o último romântico, sem que ele o fosse. Ou que até, em rigorosos cem anos antes de Freud pensar qualquer coisa, o sobrinho de Rameau, e Denis Diderot, que o registrou num diálogo inaugural do espírito da razão cínica na vida do capitalismo já avançado, descrevesse com muita precisão um sintoma neurótico obsessivo como um problema da vida sexual de uma falsa puritana parisiense… e que, exatamente na mesma passagem, dissesse que a criança, entregue livre aos próprios desejos, terminaria por matar seu pai e tomar sexualmente a sua mãe…

Além disso, as visões da infância no limite da rememoração, inscritas em realidade social, antropológica e histórica muito precisas, evocadas com cuidado em obras de arte literárias, como as de Graciliano Ramos, de Proust ou de Maksim Górki,e até mesmo de Agostinho de Hipona, são tão decisivas para a compreensão da vida emocional de uma criança quanto muito raramente podemos chegar ao nível de integridade entre a vida infantil com os adultos e a cultura, correspondência entre pensamento e afeto, nos relatos mais difíceis, geralmente travados, dos psicanalistas sobre as próprias crianças que cuidam.

Não há muita dúvida que complexos saberes psicanalíticos sempre circularam livremente pelo universo dos escritores, e Freud se admirava muito deste processo, em que ele descobria em outra chave, científica, por assim dizer, o que os poetas já demonstraram saber em seus trabalhos de outra clínica. Um dia ele chegou até a dizer que o poeta épico foi o primeiro herói, exatamente por ter sido o primeiro, aos seus olhos, a transformar estruturas psíquicas inconscientes em obras de arte que falavam delas.

Por tudo isso, em seu trabalho dedicado ao estado de clínica, *Crítica e clínica*, Deleuze vai derivar muitas formações de éticas subjetivas, sintomáticas, projetos de existência e fantasias de *self*, inconscientes ou não, diretamente da literatura moderna. Clínica e crítica, naquele livro imaginário dos devires, são também claramente um problema de cultura e de literatura: "É um grande momento quando Ahab [*Moby Dick*, de Melville], invocando os fogos de Santelmo, descobre que o próprio pai é um filho perdido, um órfão, enquanto o filho é filho do nada, ou de todo mundo, um irmão. Como dirá Joyce, a paternidade não existe, é um vazio, um nada, ou antes uma zona de incerteza ocupada pelos irmãos, pelo irmão e a irmã. É preciso que caia a máscara do pai caridoso para que a natureza primeira se pacifique e se reconheçam Ahab e Bartebly, Claggart e Billy Budd, liberando na violência de uns e no estupor de outros o fruto do qual estavam prenhes, a relação fraternal pura e simples. Melville sempre desenvolverá a oposição radical da fraternidade com a 'caridade' cristã ou a 'filantropia' paterna. Liberar o homem da função de pai, fazer nascer o novo homem ou o homem sem particularidades, reunir o original e a humanidade, constituindo uma sociedade dos irmãos como nova universalidade."[ii] Enfim, ato de crítica, de clínica, ou de revolução?

Todas estas visões livres da psicanálise, verdadeiras, lembram os analistas que o seu saber pertence de fato ao humano em estado de angústia, que não é ele, que ele pertence à inteligência e à boa linguagem, à literatura e à vida comum, incomum, à experiência e ao cinema. Que seu saber, embora ganhe no mais longínquo da teoria foros de objeto exotérico, vem do mundo. O chiste é ao mesmo tempo solução estética, ato de pensamento, lampejo de gozo concreto, posicionamento político e formação freudiana do inconsciente, o mais distante dos seus significados. As visões livres do "inconsciente" dos escritores lembram que de modo algum ele é propriedade do território metapsicológico da teoria dos psicanalistas, o seu tesouro.

Mesmo quando o seu tesouro é de fato uma janela para ele através dos sonhos, essa narrativa e poesia, cinema e vida primordiais. Por isso Freud constantemente se reencontrava a si próprio em escritores ocidentais, de Sofócles a Goethe, de Schiller a Schnitzler, passando por Shakespeare, Dostoiévski e Zola. Isso sem falar em quando os escritores pensam sistemas outros e verdadeiros de subjetivação, impensáveis para a psicanálise até então, como Deleuze viu em Melville, por exemplo. Ou, no nosso caso histórico particular, a real descoberta e invenção pela escritura da volubilidade do senhor de escravo liberal brasileiro, não apenas do século XIX,mas também do mercador financeiro, cosmopolita e miliciano bolsonarista de hoje, por exemplo. Formação subjetiva, aquela volubilidade das múltiplas regras do jogo operadas impunimente, fora da ideia da leicomo sujeito,e por isso para além do inconsciente recalcado freudiano, que ganhou forma no romance hiper-moderno, fora do lugar no lugar, de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. E consciência de *crítica e clínica*, como a de Deleuze, em Roberto Schwarz.

Assim, escritores antecipam em dezenas de anos problemas que os psicanalistas, tão dedicados em suas vidas a

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

compreender os termos de Freud e de Lacan, só levarão em conta um tanto mais tarde, como o ressentimento enunciado por Dostoiévski quando Freud dava seus primeiros passos teóricos, ou a normopatia, de Bartebly, de Melville, ou a normopatia brasileira,do *Amanuense Belmiro*, melancólico mas resignado, de Ciro dos Anjos; ou a volubilidade, sádico, ilustrada, política, de um senhor de escravos brasileiro, do século XIX ou do XXI.Sem dúvida, entre nós, ao menos Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa, os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Pedro Nava e Raduan Nassar, têm muito a dizer à psicanálise. Talvez ainda mais do que certa psicanálise, com seu território tão estruturado das próprias ilusões, alheias ao movimento do tempo e da história, tem a dizer sobre eles.

Pedro Nava

Pedro Nava é um dos maiores escritores brasileiros do Século XX. Não há dúvida a esse respeito. Suas memórias, que surgem no momento em que a grande literatura moderna brasileira está desaparecendo, a mantém suspensa em um tempo vivo a ser permanentemente reencontrado, são movidas à uma certa função poética, da inteligência da construção quase arquitetada dos períodos que, no entanto, fluem, ao mesmo tempo que são exemplarmente concretas. Pensamento e acontecimento, linguagem e história, em balanço de um modo próprio de inteligência moderna, encontraram em Pedro Nava um equilíbrio acentuado.

Diferentemente de Proust, seu processo de rememoração não é fugidio, bem como não é estetizante. Suas memórias não se derramam, não mergulham infinitamente no detalhe, nem se misturam com a música ou com o sonho. Ele não tem uma grande *belle époque* burguesa parisiense, elegante e ostentosa, rica e socialmente envenenada, às vésperas do fim do mundo da guerra mundial de 1914, como medida para a revivescência do tempo pessoal e o fim de um grande ciclo histórico onde viveu. Ao contrário do modelo, evidentemente reconhecido, o moderno memorialista mineiro do século XX é sempre nítido e sua reflexividade materialista, desencantada ou inteligente, se confunde com a própria memória. Sua graça vem das coisas mesmas, pode-se dizer. Ele rememora a riqueza narrativa de uma longa vida, muitas vezes com o brilho preciso do amor do historiador pelo documento.

Como quando reconstrói as possibilidades de vida do tataravô italiano que se fixou no Maranhão, Francisco Nava, do qual para os contemporâneos só restou o apelido, mas “o nomeado, porque o é, existe; servo do Senhor, pode se pedir por ele na missa dos mortos”,[iii] e, sendo assim, evocando instituição genealógica que visitou em Roma em 1955, chega a conceber no mais distante da origem do antepassado obscuro um certo Giuseppe, *figlio de Mattiolo*, que no *Quattrocento* teria prestado juramento ao Duque de Milão, Giovanni Maria Visconti... Afeito ao acontecido e ao traço de verdade de um caráter ou de uma situação, suas recordações se desenham como em bico de pena nítido sobre o papel, sem impressões, ao contrário da aquarela meio apastelada das multiplicidades sensoriais sem fim do chic mundo literário proustiano. Pedro Nava escrevia sempre do que foi, em um acento nítido no referente na história, do objeto, mundo e gente respeitados porque acontecidos.

Por isso, falou de seu modo de rememorar, em uma das muitas vezes que comenta o sentido da ação da memória na vida e na cultura de quem lembra, de fato na primeira vez que se volta sobre sua própria prática e ética: “Só o velho sabe daquele vizinho de sua avó, há muita coisa mineral dos cemitérios, sem lembrança nos outros e sem rastro na terra – mas que ele pode suscitar de repente (como o mágico que abre a caixa dos mistérios) na cor dos bigodes, no corte do paletó, na morrinha do fumo, no ranger das botinas de elástico, no andar, no pigarro, no jeito – para o menino que está escutando, e que vai prolongar por mais cinquenta, mais setenta anos a lembrança que lhe chega, não como coisa morta, mas viva qual flor toda olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato do presente. E com o evocado vem o mistério das associações, trazendo a rua, as casas antigas, outros jardins, outros homens, fatos pretéritos, toda a camada da vida de que o vizinho era parte inseparável e que também renasce quando ele revive – porque um e outro são condições recíprocas.”

Assim, na construção da língua, para Nava a memória era transmissão viva do passado no presente, “flor límpida, nítida e flagrante”, que volta com poucos restos, plasmada na própria narrativa. Em um elo entre os vivos e as gerações, os vivos e os mortos prosseguem o mútuo reconhecimento em um desejo de linguagem clara nestes termos, da experiência de vida, do outro e de si mesmo, e do mundo que renasce com ela. São as “condições recíprocas de existência”, na dimensão da memória, e sua ética mágica evidente para o presente, a quarta dimensão de Borges. Coisa nítida, mas surpreendente como o objeto tirado da caixa do mágico, que liga a vida das diferentes gerações em um fio contínuo permanente, através do narrador, que, vive agora, vivo no passado. E o “menino que está escutando, que vai prolongar por mais cinquenta ou setenta anos a lembrança que lhe chega”, matéria humana vivida, que sobrevive ao tempo como as obras de civilização, somos nós, o leitor.

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

Também, à diferença do francês, o fundo pressuposto de sua posição como narrador de si mesmo era um verdadeiro país em construção. Daí a oferta generosa da memória como coisa do presente, matéria para também fazer o presente. Seu grande continente histórico era o Brasil em acontecimento, em que o compromisso com a inteligência e a nova liberdade pessoal, laica, moderna e científica, era o ponto de fuga de tudo. Ainda mais, em contato com a inquietação modernista da Belo Horizonte dos anos 1920, sem traço de positivismo reacionário que embalara a modernidade nacional até então. Um Brasil realizado na própria realização dos homens modernos em devir social, de um mundo mais amplo, que se tecia em cada ato e em cada decisão de cada personagem produtivo das memórias, cidadão do sonho daquele mundo, em construção. Já moderno, o Brasil de Pedro Nava foi um grande processo de apresentação de todas as suas possibilidades, que seriam condensadas por ele em seu amor e sua luta particular pela nova medicina que aqui se fazia.

O intelectual

Médico culto, historiador da medicina no tempo de sua primeira modernidade entre nós, em trabalhos que endereçou à universidade nos anos de 1940 e nas páginas da própria vida lembrada clara nas memórias, formado em tradição intelectual exigente da linguagem, talvez extinta hoje, seus percursos existenciais pelas cidades em que viveu desde menino, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Belo Horizonte, a família, os amigos, os mestres, o encontro com os intelectuais modernistas, as experiências mundanas agudas, políticas, científicas e profissionais, na cultura e nos setores dos hospitais, ganham nele brilho tão nítido e constante, como ele concebia o rememorar, de uma literatura de uma vida em edificação crítica, que, na verdade, se confunde com o espírito do fundo histórico do país em estruturação, tanto quanto se pode imaginar a relevância de um percurso modernista e moderno, da vida prototípica de um mineiro que vai dos anos de 1910 a 1950 no Brasil, em contato autônomo com os verdadeiros criadores do país que estiveram por lá.

Em 1972, *Baú de Ossos* começava a dar a ver a história do século brasileiro no corpo e na vida de um homem de classe média urbana, apenas um homem moderno e culto, rico das narrativas concretas da vida em modernização, desde a estrutura "mítico social" da Juiz de Fora da infância; dos territórios revolucionários e reacionários da cidade e seus habitantes desenhados pela história; dos folhetins de sangue e sua política, contados como estórias por qualquer membro da família, na sala da casa pequeno burguesa, aos retratos vivos, de poucas linhas, dos amigos, e de muitas camadas dos parentes, como a inesquecível avó de índole forte, ainda escravocrata, Inhá Luiza – "de gênio detestável… mãe admirável, sogra execrável, sinhá odiosa para escravas e crias, amiga perfeita de poucas, inimiga não menos perfeita de muitas e corajosa como um homem" – ou a exclusiva tia Marout, que veio buscá-lo um dia em sonho para um encontro íntimo na morte; e ainda o retrato das ruas e dos bares, as reflexões paralelas a Proust sobre os modos de ser da sua memória, e tantas outras coisas assim. O escritor era capaz de olhar todas elas simultaneamente por dentro do vivido e também nitidamente pelo pensamento, por fora do acontecido, pensamento da linguagem estruturada surpreendente nas curvas elegantes das frases, sempre relativas às coisas, com poucos excessos e muita variação, fazendo a coisa antiga ganhar forma nova ao modo moderno dos anos de 1970.

Era a sua "capacidade meio demoníaca, meio angélica, de transformar em palavras o mundo feito de acontecimentos", segundo Drummond. Ou, poderia se dizer, o modo do historiador e do médico, escritor, de transformar em palavras o mundo do seu acontecimento. Tinha início uma monumental obra de experiência, que não temos ainda, salvo engano, crítica capaz de abarcar inteira. Até o seu duplo imaginativo, a série um pouco menos grandiosa, também em busca do tempo perdido, também concreta e de pensamento dialético, epigramático e episódico,das memórias poéticas *Boitempo* do seu grande amigo Carlos Drummond de Andrade – descrito em *Beira-mar* enquanto jovem nos anos de 1920 da noite anárquica e boêmia de Belo Horizonte – teve de aguardar até outro dia para José Miguel Wisnik começar a nos dar mapa crítico mais preciso de seu universo infantil, político e dialético, em *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*.

É possível dizer, com categorias muito atuais de pensamento, que essa obra monumento de uma vida comum, de um médico inteligente bem formado do Brasil, que se deu no tempo real da emergência contemporânea de um país, nos provoca com a força do próprio ato de sua existência, do modo de um eu moderno dizer-se, com a história, quando nos faz permanentemente medir algo da pobreza de nossa vida no tempo cada vez mais escasso da experiência embalada no mercado.

Duplo encarnado e consciente da história do século XX brasileiro impresso como tempo nas retinas sem cansaço – "a sua memória implacável (seu futuro martírio) os fragmentos de um presente jamais apanhável, mas que ele sedimentava e ia

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

socando quando eles caiam mortos e virados no passado de cada instante; fantasmas que suscito como coisa minha e dócil, à hora que quero”[iv] – de um homem moderno, ao mesmo tempo comum e exemplar, diante da sua riqueza de cem mil e um dias e noites vividos… podemos chegar a intuir não termos nada de parecido à oferecer. Nada a oferecer à história e à própria vida e, talvez por essa medida concreta, de uma obra que dá a ver a vida, mas não fantasia, por essa ampulheta real do fim do mundo de nossa experiência, e de nossos anseios, da conexão histórica de nossos seres no mundo, deixemos, inconscientes da perda, tal monumento ao tempo e à vida, dormindo, um tanto esquecido, nas estantes.

Os meninos, já há muito, perderam todo o contato com os avós.

O médico filósofo

Pedro Nava – cujo pai, morto quando ele ainda era menino, foi farmacêutico e médico – amava a medicina. Ele a amava e a via de modo prático, e filosófico, também sem ilusões. Quando questionado, aos 17 anos no colégio Pedro II no Rio de Janeiro, o que achava da vida, escreveu: “a vida é como um anfiteatro anatômico: aí estudamos as chagas sempre abertas, vemos a podridão, o mal, o horror, o cancro e o pior de tudo a ‘hipocrisia do otimismo’, tudo num montão de lama – a sociedade”… Por isso, não hesitava e, ao responder o que queria seguir como carreira naquela sociedade de lama apresentava-se: “Medicina.” Pois afinal “é a que me oferece mais encantos, porque por intermédio dela estudarei este emaranhado de vasos, esta reunião de músculos, esta teia de nervos, que compõem este monte de elementos apodrecidos.”

Afora a nota decadentista e cômica destacada das respostas, ao modo de um Augusto dos Anjos buscando um lugar de verdade na própria vida, que sabe bem a fim, de um adolescente tendente à dissolução boemia de poucos anos depois e do garoto que já havia lido tudo o que lhe caiu nas mão se, entre tudo, Arthur de Azevedo, Machado de Assis e Lima Barreto…, observamos nas respostas a força sinalizada de um sujeito, o rigor positivo de uma visada genericamente negativa sobre as coisas. A medicina resolvia assim, com sua complexidade imensa, – que ele multiplicaria em um senso de filosofia da história médica ainda mais amplo do que aprendeu como clínica – a firmeza do julgamento sem apelação do jovem estudante.

Antes de chegar, tardiamente, ou na hora certa da vida, à literatura da memória, aos 69 anos, Nava foi de fato um médico muito consciente, dedicado à construção do serviço público, e um historiador e cronista plural da medicina pensada e acontecida no Brasil, desde as origens coloniais até o seu próprio tempo moderno de formação e prática, anterior à penicilina. Interessado em tudo o que dissesse respeito à medicina, da sua história clássica e primeiras imagens civilizatórias ao encontro de sabedorias e civilizações médicas estranhas umas às outras no Brasil colônia, no nosso mundo em desenvolvimento, ele estabeleceu um próprio plano de *Nascimento da clínica*, eclético e aberto, orientado pela antropologia nova da vida no Brasil, ainda antes do advento do cientificismo anatomopatológico. Criou assim um território pessoal de médico filosofo e historiador. Um projeto de história e de convivência de várias epistemês, da origem das imagens ocidentais, gregas, árabes, clássicas da coisa, ao encontro de mundos distintos de mágica e ciência no Brasil, da origem e em devir, um sistema de leituras da ciência que certamente interessaria ao Foucault epistemólogo, também da medicina, que escrevia em Paris no mesmo momento em que Nava escrevia as memórias no Rio.

Vinte e cinco anos antes de *Baú de Ossos*, Pedro Nava publicou pela editora C. Mendes Jr. seu primeiro livro, o conjunto de estudos históricos, de epistemologia e de antropologia médica portuguesa brasileira e… francesa, *Território de Epidauro*. Pouco depois, surgiam os *Capítulos de história da medicina no Brasil*, publicados em separatas na “Revista Brasil médico cirúrgico” em 1948 e 1949, e, em 1961, sua conferência, entre a crítica e a história médica, *Camões e a medicina*, também foi publicada. Tudo antes da experiência mais ampla das memórias. Nestes escritos de grande erudição e visada antropológica, um duplo de história médica no Brasil de *Casa-grande e senzala* e *Raízes do Brasil*, pode-se observar aquele interesse cultural e filosófico, filológico, o mais amplo possível para o entendimento do território conceitual da medicina desde o advento da vida colonial no Brasil.

A coisa ia muito longe, e o documento histórico, literário ou científico, era situado na imaginação teórica sem fronteira do pesquisador: “Se a cronologia médica exige, historiologicamente, conhecimento de filologia, de linguística, de história geral, de etnografia, de antropologia e de literatura – a história filosófica da arte exige tudo isso e mais o conhecimento indispensável da anatomia, da fisiologia, da patologia geral e da medicina prática. Sem esse conhecimento (não o do detalhe especializado, mas o conhecimento abrangedor e doutrinário) é impossível o estudo interpretativo das ideias médicas porque, antes de explicá-las, é preciso tê-las penetrado, o que vale dizer que, para se aprender a estudar a

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

História da Medicina, é preciso antes conhecer um pouco de Medicina, o que só se consegue 'vendo, tratando, pelejando'." [...] "A história da Medicina deve ser encarada primeiro como história da Patologia Geral, como a história das ideias médicas e como a história dos pensamentos dos médicos. A cronologia que venha depois, não como base e sistema, mas como processo auxiliar à maneira de referência." [...] "Posta no plano filosófico ou cronológico, a História da Medicina tem que ser buscada nas fontes que já enunciamos e que pedem do que vai à sua cata, além do conhecimento da medicina do seu tempo, os da medicina clássica; os conhecimentos de linguística, de etnografia, de história geral, de literatura, de filosofia e de artes plásticas, cuja utilidade vamos encarecer".[v]

Assim, desde um saber próprio constituído no contato com o corpo, nas formas médicas do presente, o entendimento da história da medicina se projetava em todo tipo de forma e de formação da ideia de medicina entre os homens, no passado. As múltiplas visadas, guardando o mistério de seus fundamentos diferentes, convivem, e circulam através do tempo, transformando o médico de agora em um médico filósofo, como foram os da origem: "As grandes ideias médicas não pertencem a este ou àquele século, não são sucessivas e sim coexistentes. Tanto existe um naturismo hipocrático, quanto um naturismo galênico; um naturismo arabista, quanto um naturismo contemporâneo. Ao seu lado existiu e existirá sempre um dogmatismo ou um empirismo; um humorismo ou um solidismo, um metodismo ou um ecletismo."[vi]

Uma medicina do toque e da sensibilidade

Já a medicina do médico Nava em sua própria vida, descrita em suas bases corpóreas e encarnadas em experiência na faculdade e na enfermaria no quarto volume das memórias, *Beira-mar*, era antes de tudo uma medicina do toque e da sensibilidade, uma prática da atenção e do recebimento, de uma contemplação produtiva do médico, a que não faltavam uma perspectiva de uma verdadeira e quase poética dimensão estética, da vida e da morte. "Minha medicina é sempre figurativa, e nunca abstrata. Observo, não experimento" diria ele sobre sua postura e filosofia da aproximação da doença e do doente.

De fato, tudo indica que ele tinha o apreço dos grandes clínicos pela riqueza dos sinais, pela espantosa plasticidade da expressão do corpo, entre a saúde e as patologias de todos os tipos, com suas formas e efeitos sobre a sensibilidade, a imaginação e a inteligência de quem as recebe. Tentando permanentemente se orientar na natureza em que "nada é simples", especializou-se nos reumatismos paralisantes e humilhantes, foi médico importante em seu tempo, cuja formação se esmerou em aprender os vínculos de cores, brilhos, texturas, tensões, formas, cheiros, lugar de dores, corpos integrais em sua produção, de vida, de doença ou de morte. Enfim, o que era dado ao médico saber com a mediação de seu próprio corpo.

Entre o contato e a razão, o espanto e a ordenação classificatória de um corpo permanentemente descoberto, singular na experiência de uma estrutura mais geral da vida que já se sabia expressar nela, se desdobrava também a curiosidade do inventor de história e de cultura da medicina no Brasil; advinda, como vimos, de todas as fontes e formações clássicas, mas também populares, da ideia da medicina, que se possa imaginar. Ao contrário do que acontece hoje, os instrumentos, os ferros e os termômetros, os remédios venenos e as entradas cirúrgicas pareciam infinitamente menos importantes na formação de Nava do que a riqueza exuberante do corpo humano, e seu sujeito, o real produtor de mil formas entre a vida e a morte, formas ligadas à vida, dinâmica permanente entre viver e morrer: "Velhas megeras que a caquexia terminava de esculpir em formas de esqueletos revestidos de pelanca, corpos monstruosamente alterados pela infecção, pela maré montante dos edemas e dos derrames cavitários ou comidos em vida até sua última migalha pelo trabalho fabuloso dos cânceres. Admiráveis caras azuis de asfixias, gessadas das anemias, rubínicas, flavínicas e verdínicas das icterícias, grenás da hipertensão, balofas das anarsacas hidropesias; olhos incertos de urêmicos, porcelana da esclerótica dos verminóticos, pupilas incandescentes dos febricitantes, envesgamento dos meningíticos, comissuras sardônicas da boca dos tetânicos; peles áridas da subida das febres, molhadas das crises defervencência... como vos conhecia e como eu pasmava da extrema complexidade de vossa fabricação. *Cequíl y a de beau dans La nature, c´est qu´il n´y a rien de simple* – dizia meu mestre Layani. Aqui e ali um resto de beleza como o rastro da passagem de um Deus sugerindo que ali não estavam só doentes mas mulheres também".[vii]

Me parece evidente que a forma e o estilo de Nava considerar os corpos doentes, a história da medicina e de praticar a sua clínica, tem alguma correspondência com o próprio modo, enciclopédico, fascinante e quase objetivo a um tempo, do

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

memorialista tratar os incontáveis acontecimentos e personagens de uma vida, sempre atento ao traço concreto da memória. Assim: "Mas fantástico na vida do futuro médico é o que ele vai tirando da experiência adquirida dia a dia na exploração dessa coisa prodigiosa que é o corpo humano. Ele é sempre admirável. Admirável no crescimento, no milagre da adolescência, na saúde plena e na euritmia da idade madura, da vida em sua pujança, seu tranbordamento na reprodução. Igualmente admirável na impotência, nos desequilíbrios da velhice, na senectude, na cacoquimia, na doença, na desagregação e na morte. Tudo isso tem harmonias correlatas e depende de trabalho tão complexo para criar, como para destruir, para fazer a vida e fabricar a morte. Temos que reconhecer essas forças da natureza e delas tirar nossa filosofia médica e nossa lição de modéstia. Cedo compreendi que nós doutores, podemos, quando muito, alterar e modificar a vida pelo ferro cirúrgico e pelo veneno remédio, procurando que a alteração introduzida esteja no caminho da *vix medica trix naturae*.

Nesse sentido ajudamos e só ajudamos quando remamos a favor da maré. *Jepanse, Dieuxguérit* – dizia humildemente Ambroise Paré – o Pai da Cirurgia. O grande equívoco de todos – doentes e médicos – é julgar que prolongando a vida por alteração de condições estamos combatendo a Morte. Jamais. Tanto quanto imbatível ela é incombatível. Prova: só ampliamos a vida que existe. Em seu lugar não temos o poder de colocar mais nada porque na medida que ela se retrai, diminui e bate em retirada, cada milímetro é conquistado implacavelmente pela Morte Triunfante. É inútil pensar o contrário. O que temos é de nos convencer de que o homem, de tanto viver, que o doente, de tanto padecer – adquirem o direito à morte, tão respeitável como o direito à vida por parte de quem nasceu. Por mim mesmo eu me penetrava dessas verdades vendo o pátio dos milagres terrível de nossa enfermaria".[viii]

Pedro Nava entendia que a medicina é conexa à vida e é enquadramento, aproximação e respeito pela morte. Linha média, decodificadora dos sinais, sensível ao espetáculo, entre a ampla dinâmica do corpo vivente e a sua morte, também ela reveladora da natureza do vivo. Exatamente como Winnicott dizia na mesma época, um grande médico e psicanalista inglês rigorosamente contemporâneo de Nava, era o corpo vivo, a inscrição das potencias da vida, o que de fato curava. Qualquer outra técnica aplicada só teria valor se apoiada na própria dimensão viva do corpo, e os remédios apenas se articulavam à via médica natural. É a vida que vive – os remédios a acompanham e revelam. Era a percepção naturalista dos médicos modernos que se formaram antes da revolução farmacológica e bioquímica da segunda metade do século XX levar toda a experiência social da medicina noutra direção. E a morte... era realidade última que exige respeito laico, mistério e direito humano.

O artista

Não vou me estender muito sobre o modo de artista de Nava entender a medicina. Por vezes sua inteligência ensaística sobre a doença e o doente parecia estar mais perto de um Artaud, de um Mário de Andrade, ou de um Levi-Strauss e até mesmo de um Bataille, do que de qualquer médico que tenhamos chegado a conhecer. Historiador e modernista, construtivo e anti-positivista, Nava é um exemplo de homem da modernidade avançada, do tempo moderno do Brasil, que esquecemos rapidamente.

Apenas lamento o destino de um país que, dos anos de 1920 a 1960, teve em homens como Nava a construção ativa de sua inteligência médica e de seu sistema de saúde, público e eficaz. E que hoje, passado um século de quando o jovem modernista ingressou na faculdade, tem no médico bolsonarista, criminoso e anticientífico, sem traço do que é história ou cultura, incapaz de usar a língua para outra coisa que não a propaganda do líder bossal a quem responde ao desejo, contra toda a vida no país, a verdade dura e clara de nosso destino histórico. O que aconteceu com o Brasil, de Pedro Nava e o nosso?

O Brasil tornou-se o nosso próprio e específico "montão de lama, a sociedade", que também sempre fora, e que o jovem estudante de medicina de 1921 já sabia, e o escritor do século XX, com cuidado, inteligência e compromisso com a vida de todos e o devir de uma sociedade impossível, combateu, na própria multiplicação da língua que operou com a própria vida.

Também não vou comentar a psicanálise de Pedro Nava no capítulo do *Território* que retorna aqui. Ela é evidente e, como disse antes, interessa nos seus próprios termos criadores, seus próprios modos abertos de saber. Apenas vou indicar aqui, para o leitor interessado, o seguinte problema de epistemologia freudiana com a produção livre sobre o inconsciente do escritor, originado no concreto da experiência distintiva da vida mesma, como toda psicanálise, de Pedro Nava: se ele se

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

sentisse obrigado a perguntar sobre as origens, materialistas e corpóreas, das fantasias de longuíssima duração de recusa à introdução de injeção e de vacinas que investiga, fantasias corpórea e de ordem mágica, como pensou, se ele se perguntasse: como é um psiquismo que funciona e produz este tipo de força poética de mínima, mas forte, desrazão; se ele deslocasse a ideia de pensamento mágico para a ideia de formação de desejo e se perguntasse sobre o corpo possível, sujeito e psiquismo, desde a origem infantil, que realiza este modo de desejo, que aparece na vida como fórmula mágica e de personalidade, então, ao que tudo indica, ele estaria nos fundamentos à *priori* da metapsicologia freudiana, sua própria metafísica. A psicanálise de Freud descreve o acontecimento poético da força da irracionalidade, como o escritor, e também se pergunta sobre qual sistema de razões finais pode sustentá-lo.

É muito próprio de escritores informados e modernos a utilização livre da esfera imaginária da percepção das imagens do pensamento e sua força mágica, não racional, que tem lógica freudiana, sem chegar ao fundo materialista do problema freudiano final, inicial, o de tentar explicar como e porque estas imagens mágicas do pensamento se dão, qual a sua natureza de corpo, e qual a sua função em nossa humanidade comum. Aí termina a intuição poética e criadora do escritor, e começa a psicanálise como saber em estruturação.

Como disse, assim os psicanalistas perdem algo da mobilidade da vida rica da cultura, enquanto os escritores, que usam a psicanálise na esfera imaginária do seu sonhar, brincam com ela, sabem e não sabem de algo da sua ciência.

***Tales Ab´Sáber** *é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professor de Filosofia na Unifesp. Autor, entre outros livros de* O sonhar restaurado, formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud *(Editora 34).*

Notas

---

[i] Jorge Luis Borges, *Sete noites*, São Paulo: Max Limonad, 1983, p.105.

[ii] Gilles Deleuze, *Crítica e clínica*, São Paulo: Editora 34, p. 97.

[iii] *Baú de ossos,* Rio de Janeiro: Sabiá, 1972, p.17.

[iv] *Balão cativo*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 217.

[v] "Introdução ao estudo da história da medicina no Brasil", em *Capítulos da história da medicina no Brasil*, Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

[vi] *Idem.*

[vii] *Beira-mar*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 333.

[viii] *Idem*, p.332.

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.